

Luanda Beira Bahia: o olhar romanesco de Adonias Filho para culturas comparadas (a África)

Sarita Monjane Henriksen

PhD, Universidade Pedagógica de Moçambique

E-mail: sarita-henriksen@hotmail.com

Recebido em: 10/09 /2015.

Aprovado em: 05/10/2015.

Resumo: A presente comunicação revisita a obra de Adonias Filho, intitulada *Beira, Luanda e Bahia*. O estudo faz uma breve análise sociocultural da obra, concentrando-se particularmente no cruzamento entre aspectos históricos, literários e culturais. O estudo descreve a presença constante do mar, do hibridismo cultural, da convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas, a heterogeneidade e a diáspora nesta obra, em última instância incidindo sobre os principais elementos comuns e/ou aspectos que ligam e aproximam a Beira de Moçambique, a Luanda de Angola e a Bahia do Brasil, a saber, a língua que nos une e que ao mesmo tempo nos separa. O estudo argumenta que esta obra literária permite-nos fazer grandes voos, principalmente através do Atlântico, mas também do Índico, reflectindo sobre a ligação entre os três continentes, Europeu, Americano e Africano, por meio de um passado comum de colonização e a presença constante de África nesta obra.

Palavras-chave: Hibridismo cultural. África. Angola. Moçambique. Bahia.

Luanda Beira Bahia: o olhar romanesco de Adonias Filho's fictional look at comparative cultures (Africa)

Abstract: This communication revisits the work of Adonias Filho entitled *Beira, Luanda and Bahia*. The study gives a brief sociocultural analysis of the work, focusing particularly on the intersection between historical, literary and cultural aspects. The study describes the constant presence of the sea, cultural hybridity, coexistence and multiethnic, mixed and creole identities, heterogeneity and diaspora in this work, ultimately focusing on the main common elements and/or aspects that link and approach Beira of Mozambique, Luanda of Angola and Bahia of Brazil, namely the language that unites us and which at the same time separates us. The study argues that this literary work allows us to make large flights, mainly through the Atlantic,

but also the Indian Ocean, reflecting on the connection between the three continents, Europe, America and Africa, through a common past of colonization and the constant presence of Africa in this work.

Keywords: Cultural hybridity. Africa. Angola. Moçambique. Bahia.

Introdução

Nasci na Beira, a cidade capital da Província de Sofala, a segunda maior cidade do território moçambicano, banhada pelo Oceano Índico e onde se encontra um dos maiores corredores comerciais da África Austral, o Corredor da Beira, através do qual transitam quantidades elevadas de caminhões de mercadorias oriundos de países do interior como a Zâmbia e o Zimbabwe com destino ao Porto da Beira e vice-versa. Sobre o Porto da Beira, Adonias Filho escreve:

A trepidação diminuía como se o cargueiro deixasse de respirar. Parou, de repente, no instante em que Caúla pôs os pés no convés. Nascia o sol que, de tão forte doía nos olhos. E, no cais estavam os estivadores negros de pé, atrás se mostravam as ruas que levavam ao centro da Cidade. O porto de Aruanqua, povoação de Manica e Sofala, era a Beira que começava naquele cais sem tamanho. Guindastes, bóias de amarração, navios, batelões, estrada de ferro interna que ligava os armazéns. (FILHO, 2005, p. 134-5).

Sofala é uma das onze províncias de Moçambique, com uma área de 68 018 km², está situada na região centro do país. Segundo o Censo 2007, a população de Sofala é de 1 543 909 habitantes. É uma Província conhecida há muitos séculos. No século X, Al-Masudi descreve as terras de Sofala e a importância da mineração e comércio entre o Império dos Mwenemutapas, os árabes e indianos e mais tarde os portugueses.

Segundo dados do Censo Eleitoral (2007), a Cidade da Beira conta com uma população total de 443,369 habitantes. Por outro lado, a população total do Distrito de Gorongosa é de 143,518 habitantes. A estrutura etária da população desta cidade e distrito é maioritariamente jovem, com o maior número da população nas idades iniciais, especificamente, nas idades de 0 aos 4 anos. Apesar da existência de uma grande percentagem populacional (24.0%) que não se identifica com nenhuma religião, a população

da Cidade da Beira professa várias religiões, a destacar: a religião Zione ou Sião (8,8%), a religião Anglicana (1,2%), a Islâmica (6,5%), a Evangélica/Pentecostal (22,7%) e a religião católica (31,9%), que é a mais expressiva na Cidade da Beira (INE 2007). O mapa da Província de Sofala, abaixo, apresenta a localização da Cidade da Beira e do Distrito de Gorongosa.



Fonte: Portal do Governo (<http://www.sofala.gov.mz/#>)

A imagem a seguir extraída do Wikipedia (<http://www.google.co.mz/url>) apresenta-nos uma praça no centro da Cidade da Beira.



As três imagens a seguir, fornecidas pelo Professor Erik Vermeulen (2015), também apresentam alguns locais relevantes da Cidade da Beira:



Descrição: Farol de Macuti



Descrição: Praia – Beira



Descrição: Grande Hotel

Tendo brevemente apresentado alguns dados factuais sobre a Cidade da Beira e o Distrito de Gorongosa, ambas referenciadas na obra *Luanda Beira e Bahia*, passarei de seguida a tecer algumas considerações relativas ao quadro teórico para o presente estudo.

Enquadramento teórico-literário da obra

Depois de ter lido a obra e começar a refletir sobre a abordagem que deveria usar para a sua análise, veio-me à questão de se estava perante uma obra romanesca que poderia ou não ser classificada como Literatura de Viagem. O meu posicionamento na ocasião foi de incerteza e dúvida. Poderia ou não a obra romanesca *Luanda Beira e Bahia* de Adonias Filho ser enquadrada na chamada Literatura de Viagem?

A obra reúne certamente muitos elementos que caracterizam e que são comuns à Literatura de Viagem como, por exemplo, os seguintes: o mar, as viagens intercontinentais através do mar, sendo o principal meio de transporte o navio, a navegação, as grandes distâncias, a ausência, a vista da terra e em última instância os descobrimentos e o desbravar de novos horizontes, que podem incluir as populações nativas e/ou indígenas dessas novas terras, a descrição das suas paisagens insólitas e desconhecidas (com particular destaque para a sua flora e fauna). A Literatura de Viagem pretende ser também informativa e factual, apresentando datas e horas de partida e chegada e da ocorrência de determinados eventos. *Luanda Beira e Bahia* apresenta certamente esses traços, conforme podemos observar nos seguintes excertos:

- (1) - A culpa é do mar – as mulheres diziam. (p. 13)
- (2) As mulheres diziam que as sereias do mar enfeitiçam os homens. (p. 16)
- (3) O mar levava os homens para muito longe. Voltavam alguns, quando voltavam, e outros desapareciam como se morressem. (p. 17)
- (4) Os olhos abertos sobre o mar. Águas agitadas que baluçavam, na distância, as jangadas dos pescadores.

Navios sempre passavam ao largo, os apitos longos da despedida... Impossível, seria impossível contar os que se foram, anos e anos, deixando as mulheres atrás. (p. 19)

- (5) Preferiam o mar, os brancos e os negros, os de sangue português e africano... O mar, assim começavam a andar, era o primeiro brinquedo. (p. 19)
- (6) Um mês, um ano, dez anos, a espera. (p. 13)
- (7) – Subam, subam, é o porto da Beira! ... Ergueu o rosto, queria ver a cidade, mas o sol ocultava o mundo... O outro lado onde estavam a praia, o índico sem limites e a cidade que Rosário tinha no coração. (p. 135)
- (8) COSTEAR, SEMPRE COSTEAR, RODANDO a África por baixo para sair no Atlântico, costear em busca de Luanda. O navio, dia após dia, a poucas milhas da terra, aproximava-se lentamente de Angola. Ali, na cobertura, Caúla via as manchas cinza, muito distantes, e sabia que grande era o mundo dos africanos. Selvas por dentro, feras em liberdade, tribos dançando. (p. 147)
- (9) Luanda, sabia que o navio saudara Luanda! A escuridão, embora as luzes mostrassem a curva da baía, mas a escuridão fechava a paisagem. E, porque conheceu que o vento era mais da madrugada do que da noite, ali ficou a esperar a manhã. Debruçado na amurada, andando no convés, fumando. Bom foi esperar porque – com quase todos os tripulantes no convés – viu Luanda surgir aos poucos e aos pedaços, saindo da névoa como da casca de um ovo. Alargou-se, expandindo-se, quando o sol a invadiu em todos os espaços. (p. 148)

Conforme anteriormente indicado, o mar é um traço comum em *Luanda Beira e Bahia* segundo ilustram as alíneas 1-5 acima; além disso, vários trechos da obra apresentam de forma recorrente o sentimento de ausência, saudade e a diáspora, como é retratado na alínea 6 acima. Por último, os descobrimentos e o desbravar de novos horizontes aparecem também fortemente nesta obra, como se apresenta nas alíneas 7, 8 e 9, acima. Corroborando com o propósito da chamada Literatura de Viagem, de acordo com Bustamonte,

As narrativas de viagem, deixadas por homens que ajudaram a colonizar o Brasil, abrem uma espécie de janela sobre um Novo Mundo que já desapareceu. Dessa janela vemos um lugar ensolarado, povoado por animais exóticos, plantas e frutas desconhecidas, canibais que andam nus e cantos barulhentos de amor e de guerra dos Índios ‘sem fé, sem lei e sem religião. [...] As experiências vividas e transmitidas por seus autores em seus textos mostram que a viagem não se reduz ao simples relato de um deslocamento no espaço e no tempo, e sim em uma descoberta de sentido mais largo. Descoberta que implica uma confirmação dos conhecimentos que, mesmo antes da viagem, já fazem parte do imaginário do viajante. Um universo novo se revela, mas o mundo percebido conserva os valores tradicionais.’ (BUSTAMONTE, 2013, p. 134-5).

As definições existentes de Literatura de Viagem parecem convergir para o facto de ser um relato ou uma narrativa de viagem, que tem como objectivo activar a imaginação do leitor, através de uma leitura envolvente, que descreve experiências, vivências, descobertas e reflexões de um viajante. É uma narrativa que combina factos históricos, ficcionais e mesmo mitológicos, como quando o autor descreve alguns eventos na Gorongosa. É uma narrativa que retrata também a diversidade cultural, transportando o leitor através de *nuances* de experiências diferentes daquelas que caracterizam a sua própria realidade social e cultural.

Recorri a Eckardt (2009, p. 72) para tentar fundamentar as minhas reflexões; em sua opinião, “os relatos dos viajantes do século XIX seguiam duas correntes distintas: eram de cunho objetivo, com conteúdo científico, ou de cunho subjetivo, contendo impressões pessoais dos viajantes.” Ela adianta dizendo que

Entre os séculos XVIII e XIX, com tantos exploradores dispostos a desbravar os recantos ainda desconhecidos do mundo, o Brasil se tornou uma terra visada pelos viajantes, pois além de ser em grande parte ainda desconhecida de todos, era uma terra considerada fonte de muitas riquezas e recursos naturais, o que incitava a curiosidade e interesse de potências europeias. (ECKARDT, 2009, p. 72).

Contudo, diferentemente de ter como alvo apenas o novo continente e o Brasil em particular, *Luanda Beira e Bahia* está também virada para a África, conforme sugerem as seguintes passagens:

- A África está no outro lado. (p. 28)
- Lá, do outro lado, é a África ... (p. 32)
- Meus amigos, os bichos de África. (p. 37)
- Você conhece a África? (p. 39)

A África está presente nesta obra, mesmo através da imagem da Professora Maria da Hora, de raça negra, que quando fala de África se emociona e activa o imaginário de Calúia e dos seus colegas, conforme bem nos apresenta a seguinte passagem:

A mão negra se abria sobre o mapa e mostrando os continentes, parava na África. A voz, a princípio suave e lenta, depois aguda e rápida, gerava paisagens e animais, pondo a selva e seus viventes dentro da sala. Não era apenas o sangue africano que a fazia assim uma feiticeira porque, logo a seguir, arrastava a mão para os vazios pintados de azul. Oceanos e mares que cercavam os continentes. (FILHO, 2005, p. 25).

Os dois excertos abaixo apresentam mais uma diferença entre a Literatura de Viagem tradicional e *Luanda Beira e Bahia*:

Movidos pela curiosidade de querer descobrir novas terras, desbravar novos horizontes e de, conseqüentemente, dominar estas novas terras, entre os séculos XV e XVI os europeus empreenderam grandes jornadas em busca das terras do mundo ainda desconhecidas; estas grandes jornadas são conhecidas como 'As grandes navegações'. (ECKARDT, 2009, p. 74).

Com tantas terras novas e, pelo menos segundo uma visão eurocêntrica, sem donos, as potências europeias passaram a querer, mais do que nunca, dominar a maior extensão possível destes territórios para aumentar seu poder e suas riquezas através da dominação e exploração destas. E uma das melhores maneiras de se apoderar destas era tentar conhecê-las o máximo possível. (ECKARDT, 2009, p. 74).

Luanda Beira e Bahia: os elementos que nos unem

Além dos elementos apresentados na sessão anterior que indicam a presença de traços comuns a Literatura de Viagem, e para além do nosso passado colonial comum, *Luanda Beira e Bahia* incide fortemente sobre a questão do hibridismo cultural, da convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas e a heterogeneidade, quando fala da família de Caúla; filho de mãe Índia e pai descendente de Português. Este hibridismo está presente não só na família de Caúla, mas também na sociedade de Ilhéus e Bahia, marcada pela coabitação com marinheiros oriundos de lugares diversos, portugueses, suecos e outros, que passam por aquelas margens; está ainda presente nas terras do Brasil também os índios e os negros.

O hibridismo cultural, a convivência e identidades multiétnicas, mistas e crioulas e a heterogeneidade características do contexto brasileiro constituem um traço também comum ao continente e países africanos. Com muitas poucas exceções, (Lesoto e Swazilândia, na África Austral, por exemplo), a maioria dos países africanos constituem verdadeiros mosaicos etnolinguísticos e culturais. Na sua obra *Girls at War and Other Stories*, o célebre escritor nigeriano, Chinua Achebe, escreveu em 1972:

África é um continente enorme com uma diversidade de culturas e línguas. África não é simples – muitas vezes as pessoas que rem simplifica-la, generaliza-la, estereotipar as suas gentes, mas África é muito complexa. O mundo começa a conhecer África.¹

De acordo com as estatísticas do *worldpopulationreview.com*, estima-se que a população africana corresponde a 1.033 bilhões de pessoas, distribuídas pelos seus 54 países ou estados soberanos. Acredita-se que são faladas aproximadamente 2.000 línguas em África e que o continente alberga inúmeros grupos étnico-linguísticos e culturais. Assim, a diversidade étnico-linguística e cultural constitui uma característica intrínseca das sociedades africanas. As principais variedades linguísticas faladas em África incluem línguas endógenas africanas e línguas exógenas europeias e asiáticas levadas para

o continente como resultado de contactos comerciais entre povos africanos e árabes e também em consequência do colonialismo.

O carácter multiétnico, misto e crioulo de *Luanda Beira e Bahia* está também patente em Angola, segundo retratam, por exemplo, as seguintes passagens: “As moças, todas as moças da planície, negras e mulatas do Quibala, enfeitadas pelo vento do mar.” (p. 57); “[...] a mãe não saía nunca, sempre no almofadão, negra de luxo que parecia ser mulher de um soba. E tudo porque... vivera com um branco, aquele português Manuel Sete, o pai de Corina.” (p. 58).

Com base no que foi acima dito, avanço a tese de que África e certamente Moçambique, em toda a sua heterogeneidade etno-linguística, cultural e social, é crioula e mista e caracterizada por identidades múltiplas.

Os principais elementos comuns e/ou aspectos que ligam e aproximam a Beira de Moçambique, a Luanda de Angola e a Bahia do Brasil são em primeiro plano a língua portuguesa, que nos une e que ao mesmo tempo nos separa. O Português, língua exógena em Moçambique, Angola e Brasil, é certamente o denominador comum nestes três países étnica, linguística e culturalmente diversos.

No contexto moçambicano, a língua Portuguesa é central para a promoção da unidade nacional moçambicana e para veicular a nossa moçambicanidade. É através da língua portuguesa que moçambicanos de diferentes origens étnicas e culturais se encontram e interagem e discutem a conjuntura socioeconómica e política do país, mas também questões da arena privada. Uma língua de origem exógena, mas agora também nossa, enriquecida com o nosso *Chima*, o *Chapa 100* e o *Machimbombo* e por muitas outras palavras, expressões e modos de falar; uma língua que permite que moçambicanos de diversos níveis sociais possam estabelecer contactos interculturais, internacionais, uma língua que nos aproxima de muitos outros povos e nações, como os de Angola e do Brasil.

A língua portuguesa nos une, mas também nos separa, principalmente porque através do contacto secular com outras línguas africanas bantu (em Moçambique² e em Angola) e certamente no Brasil, com as línguas índias, neologismos têm sido criados, influenciando, transformando e reconstruindo esta língua portuguesa que herdamos dos portugueses e de certa forma, distanciando-nos uns dos outros. Em *Luanda Beira e Brasil* importa destacar algumas formas de falar Português, distintas da nossa forma moçambicana

de falar português: nas páginas 43-52, *alvarenga de ferro, esquentou o café, marujo, pilheriava, caranguejando, brabeza do mar, dendê*. Mesmo a nossa Gorongosa é referenciada como Gorongoça, como se pode observar no extracto abaixo:

- Xantu da Cabinda ... Hoje, mora na Beira, lá em Moçambique. E se você algum dia, precisar de alguém na hora do maior perigo, não esqueça! Procure Xantu, na Beira, perto da reserva de Gorongoça...

- Onde ele mora mesmo?

- Perto de Gorongoça. É o único a andar na Reserva, entre os leões e os leopardos [...] (FILHO, 2005, p. 113-114).

Depois da breve apresentação de alguns elementos que unem estas três cidades alvo da obra de Adonias Filho, em jeito de conclusão passarei a seguir a apresentar algumas reflexões finais.

Notas

1 Minha tradução da mensagem original de Chinua Achebe na obra literária *Girls at War and Other Stories*: “Africa is a huge continent with a diversity of cultures and languages. Africa is not simple – often people want to simplify it, generalize it, stereotype its people, but Africa is very complex. The world is just starting to get to know Africa.

2 Ver Gonçalves 1996 para uma revisão detalhada do Português de Moçambique

Referências

ACHEBE, Chinua. *Girls at War and Other Stories*. Cape Town: Penguin Books, 1972.

BUSTAMANTE, Cristina. O imaginário dos viajantes franceses: o mundo “ao contrário da América, no século XVI”. Em Gomes, Maria e Gerson Roani (Eds.) (2013). *Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade*. Universidade Federal de Viçosa: Editora UFV (pp.127-136)

ECKARDT, Isadora. ‘A Perspectiva Científica da Literatura do Século XIX: August de Saint-Hilaire’. *Estação Literária*. Vagão – volume 4 (2009) – 1-100. ISSN 1983-1048. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL>>.

FILHO, Adonias. *Luanda, Beira e Bahia*. 16. ed. Brasil: Bertrand Brasil, 2005.

GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: Uma Variedade em Formação*. Maputo: Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 1996.

Instituto Nacional de Estatística (INE). *Recenseamento Geral da População e Habitação 2007*. 2009. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/censo2007>>. Acesso em: 09 out. 2015.

Matias, Felipe e Gerson Roani. O fecundo entrecruzamento entre a Literatura e a História. Em Gomes, Maria e Gerson Roani (Eds.) (2013). *Interfaces entre Linguagem, Cultura e Sociedade*. Universidade Federal de Viçosa: Editora UFV (p. 136-162). Disponível em: <<http://worldpopulationreview.com/continents/africa-population/>>.

VERMEULEN, Erik. Fotografias da Cidade da Beira (p. 4-6), 2015.